

Intoxicação: um retorno à onipotência narcísica*

Intoxication: a return to the narcissistic omnipotence

Maria Angélica Tomás**

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte-MG, Brasil.



Resumo

O presente trabalho é um estudo sobre a toxicomania, à luz da psicanálise, a partir dos referenciais: narcisismo primário e auto-erotismo. Esses conceitos ajudam-nos a compreender o efeito regressivo que as drogas produzem no psiquismo dos usuários. A busca pelo prazer primário, pela independência ante as imposições e limitações do mundo externo são os nortes que nos guiam à compreensão do vínculo do toxicômano com a droga e esclarecem quais são os circuitos afetivos envolvidos na drogadição. A fase anterior ao desenvolvimento psíquico, à qual regridem aqueles que se intoxicam, pode ser comparada à idéia de um paraíso que imaginariamente existiu no começo da formação do aparelho psíquico, pois nele não havia nada que se interpusesse ao desejo e sua satisfação, e é por isso que a regressão a tal fase é tão atraente.

Palavras-chave: psicanálise, toxicomania, narcisismo primário, constituição psíquica.

Abstract

This paper analyzes drug addiction based on psychoanalysis theory. The main applied concepts are: primary narcissism and self-eroticism, which are important to consider while analyzing the drugs' regressive effect on psyche of drug's users. The willing for primary pleasure and to get rid from external world's barriers and limitations are essential elements to understand the drug addict's mental link to the drugs, and the feelings involved. The drugs users regress to a previous stage of the psyche development. This return can be compared to the idea of a paradise that existed at the beginning of the mental constitution, at this stage, there are not anything between desire and its satisfaction. That's why the return that phase is very attractive.

Keywords: psychoanalysis, drug addiction, primary narcissism, mental constitution.

* Este artigo faz parte da pesquisa em desenvolvimento intitulada: "A Psicanálise da Toxicomania", sob a orientação da Profa. Dra. Ana Cecília Carvalho.

** Agradeço minha orientadora Ana Cecília e em especial ao André.

Introdução

No começo do aparelho psíquico era o id... e o princípio de prazer reinava irremediavelmente. O bebê de colo era o centro das atenções. Todos queriam agradá-lo, fazê-lo sorrir, satisfazer seus desejos, cuidá-lo, alimentá-lo. Ele, por sua vez, quer receber toda a demonstração de carinho de sua mãe. Seus desejos são satisfeitos de uma maneira alucinatória, diretamente, sem obstáculos, não há nada que se interpõe entre o desejo e a satisfação. “Ele tem o prazer de dispor de seus pensamentos livremente, sem observar a compulsão da lógica”. (Nadivorny, 2006, p.41). É dessa maneira que Sigmund Freud descreve o início de nosso psiquismo. Essa fase é a do prazer primário, o qual consiste em sugar o leite morno e adocicado do seio da mãe, e ao mesmo tempo, sentir a excitação que a fricção da zona erógena labial exerce sobre o bico do seio. Esse prazer primário permanece fixado no psiquismo, ele é o protótipo do sentimento de prazer. Nas palavras de Freud:

Se um bebê pudesse falar, ele indubitavelmente afirmaria que o ato de sugar o seio materno é de longe o mais importante de sua vida. E nisso o bebê não se engana muito, pois nesse único ato está satisfazendo de uma só vez as duas grandes necessidades vitais. Por isso, não nos surpreenderemos ao saber, por meio da psicanálise, quanta importância psíquica conserva esse ato durante toda a vida. Sugar o seio materno é o ponto de partida de toda a vida sexual, o protótipo inigualável de toda satisfação sexual ulterior, ao qual a fantasia retorna muitíssimas vezes, em épocas de necessidade. Esse sugar importa em fazer do seio materno o primeiro objeto do instinto sexual. Não posso dar-lhes uma idéia da importante relação entre esse primeiro objeto e a escolha de todos os objetos subseqüentes, dos profundos efeitos que ele tem em suas transformações e substituições, até mesmo nas mais remotas regiões da nossa vida sexual. (Freud, 1915/1996, p.367.)

Ou seja, o prazer primário é a maior sensação de prazer que o ser humano pode sentir, pois nele estão somados o prazer eró-

tico e o prazer de alimentar-se, sem a mínima oposição do que quer que seja. Ele é absoluto. Como se estivéssemos vivendo num paraíso de delícias, sem nada que se opõem aos nossos desejos. O estado primitivo seria caracterizado pela ausência de relações com o meio, por uma indiferenciação entre o ego e o id e entre o bebê e a mãe.

Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal. (Freud, 1914/1996, p.95)

Desejo e objeto para ele são um só. Ali estão reunidas a força da autopreservação e da preservação da espécie: fome e amor, as duas forças que movem o mundo. “As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego”. (Freud, 1914/1996, p.94).

O paraíso imaginário

Permeia o pensamento do senso comum a idéia de que na história da humanidade e da constituição do mundo, em uma era primitiva, o homem também tenha vivenciado um período no paraíso. A lenda da origem da vida, que inclui as figuras simbólicas de Adão e Eva no Jardim do Éden, assemelha-se ao período primevo da constituição do psiquismo que acabamos de descrever. Assim, é possível traçarmos uma proximidade entre as duas concepções. Talvez, por isso mesmo, muitos acreditem na veracidade da lenda bíblica, ao relacionar, mesmo que inconscientemente, ao próprio período de seu narcisismo primário – o paraíso inicial do nosso psiquismo – ao qual todos desejamos retornar, o paraíso do qual nossos antepassados foram expulsos ao comerem do fruto da árvore do conhecimento.

Antes de Freud elaborar a segunda tópica, nos textos do período de 1910-1915, o narcisismo primário é localizado entre o auto-erotismo primitivo e o amor objetal, e aparece como contemporâneo ao surgimento de uma primeira unificação do sujeito, o surgimento do ego. Com a elaboração da segunda tópica, ele exprime pelo termo narcisismo primário, sobretudo um primeiro estado de vida, anterior até à constituição de um ego, sendo que a distinção entre auto-erotismo e o narcisismo é suprimida. Esta concepção de narcisismo primário é a mais comum atualmente no pensamento psicanalítico; freqüentemente os que adotam o conceito desta forma, vêem a vida intra-uterina como seu modelo e designam assim este narcisismo como um estado indiferenciado, sem clivagem entre o sujeito e o mundo externo. A concepção de processo de desenvolvimento do eu proposta por Freud em 1930 aproxima-se desta interpretação: no início, o lactente ainda não discerne seu eu do mundo exterior, – este é o ‘sentimento oceânico’ – com o surgimento do princípio de realidade, o eu se desliga do mundo exterior, ainda que seja mais correto dizer que, se originalmente o eu inclui tudo, agora ele desprende de si o mundo exterior. Freud, portanto, elucida:

(...) uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início (...) (Freud, 1914/1996, p.84)

A constituição psíquica

Nosso aparelho psíquico desenvolveu-se precisamente no esforço de explorar o mundo externo. A saída do “paraíso” efetou-se a partir do momento em que tomamos conhecimento de nós mesmos em oposição ao mundo externo e suas exigências: essa é a aquisição da consciência. Como se tivéssemos comido do “fruto da árvore do conhecimento”, que nos permitiu o reco-

nhecimento da realidade como algo distinto de nós mesmos. Por que a criança sai do narcisismo primário? Segundo Nasio (1997) a criança sai dele quando seu eu se vê confrontado com um ideal com o qual tem de se comparar, ideal este que se formou fora dela e que lhe é imposto de fora. No texto, *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud descreve essa fase da seguinte maneira:

Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (Freud, 1914/1996, p.100)

A formação de um ideal aumenta as exigências do ego. “Com efeito, a criança é progressivamente submetida às exigências do mundo que a cerca, exigências estas que se traduzem simbolicamente através da linguagem.” (Nasio, 1997, p. 51). A ferida narcísica é infligida ao narcisismo primário da criança, no momento em que esta percebe que sua mãe a deseja, mas que também possui outros objetos de desejos, ou seja, que não é tudo para ela. A partir daí, o objetivo consistirá em fazer-se amar pelo outro, em agradá-lo para reconquistar seu amor. Para Freud, o desenvolvimento do eu consiste em distanciar-se do narcisismo primário. “O que fica perdido é o imediatismo do amor. Enquanto, com o narcisismo primário, o outro era o si mesmo, a partir daí só é possível experimentar-se através do outro.” (Nasio, 1997, p. 51). Para Freud:

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. (Freud, 1914/1996, p.106) (...) o que induziu o indivíduo a formar seu ideal de ego, em nome do qual sua consciência atua como vigia, surgiu da influência crítica de seus pais (transmitida a ele por intermédio da voz), aos quais vieram juntar-se, à medida que o tempo passou, aqueles que o educaram e lhe ensinaram, a inumerável e indefinível coorte de todas as outras pessoas de seu ambiente – seus semelhantes – e a opinião pública. (Freud, 1914/1996, p.102)

O ego em virtude de sua relação com o sistema perceptivo dá aos processos mentais uma ordem temporal e submete-os ao “teste de realidade”. O teste de realidade é um processo, postulado por Freud, que permite ao sujeito distinguir os estímulos provenientes do mundo exterior dos estímulos internos, e evitar a confusão possível entre o que o sujeito percebe e o que não passa de representações suas. Freud classifica-o entre as grandes instituições do ego. “Na prova de realidade, a categoria em questão é a do possível-impossível; na exigência da realidade, trata-se das oposições lícito-interditado, permitido-proibido”. (Gurfinkel, 1996, p.76)

Ocorre uma passagem do prazer à realidade. No entanto, essa passagem nunca é absoluta. O princípio de prazer é próprio de um método primário (primeira forma de satisfação da psique) de funcionamento por parte do aparelho mental, mas do ponto de vista da autopreservação do organismo, entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso, pois é ilusório acreditar que todas as necessidades provindas do organismo alcançarão sempre a satisfação direta, sem obstáculos e impedimentos. Mas, no momento inicial, o indivíduo ignora as limitações que serão impostas pelo mundo externo, e futuramente poderá sentir-se

frustrado. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é modificado pelo princípio de realidade. “Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante exige e efetua o adiamento da satisfação.” (Freud, 1920/1996, p. 20)

Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação direta. Em vez disso, o aparelho psíquico decide-se por tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável. Este estabelecimento do princípio de realidade provou ser um passo decisivo na inserção do indivíduo na sociedade. As novas exigências efetuaram uma sucessão de adaptações necessárias no aparelho psíquico. A atribuição de significado da realidade externa elevou também a importância dos órgãos sensoriais, que se acham dirigidos para esse mundo externo e da consciência ligada a eles.

A dualidade de princípios – prazer e realidade – é retomada por Freud como uma dualidade de processos: primário e secundário. A dimensão econômica destes modos de funcionamento mental é representada pela distinção entre energia livre e energia ligada. No processo primário a energia flui livremente, sem barreiras, segundo a tendência à descarga; no processo secundário, ao contrário, este fluxo é impedido ou limitado pela influência inibidora do eu. A ligação é, na verdade, a própria condição para a construção de um aparelho psíquico. O processo secundário pode ser compreendido como a própria relação entre o prazer e a sobrevivência.

No entanto, a substituição¹¹ do prin-

¹ Freud utiliza-se também do termo “transformação” para designar a passagem da primazia do prazer para o princípio de realidade. Esse termo aplica-se melhor à finalidade desse processo, pois o princípio de prazer não deixa de estar presente, apenas modifica-se pela ação da realidade externa.

cípio de prazer pelo princípio de realidade, com todas as conseqüências psíquicas envolvidas, não se realiza de repente e nem se efetua simultaneamente em toda a linha, pois, enquanto este desenvolvimento tem lugar nos instintos do ego (autopreservação), os instintos sexuais²² (libido – significa em latim vontade, desejo) se desliga deles de maneira muito significativa. Para entendermos melhor esse processo segue-se uma explicação de Freud:

Os instintos sexuais comportam-se auto-eroticamente a princípio; obtêm sua satisfação do próprio corpo do indivíduo e, portanto, não se encontra na situação de frustração que forçou a instituição do princípio de realidade. Quando, posteriormente, começa o processo de encontrar um objeto, ele é logo interrompido pelo longo período de latência que retarda o desenvolvimento sexual até a puberdade. Estes dois fatores – auto-erotismo e período de latência – ocasionam que o instinto sexual seja detido em seu desenvolvimento psíquico e permaneça muito mais tempo sob o domínio do princípio de prazer, do qual, em muitas pessoas, nunca é capaz de se afastar. (Freud, 1911/1996, p.241.)

“Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no eu diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras – isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade”. (Freud, 1914/1996, p.107) Todo indivíduo está em busca de uma satisfação inatingível, de um retorno ao estágio do reinado do prazer, o que o torna vulnerável a sucumbir a uma dependência quando se depara com uma falsa sensação de ter encontrado um substituto para o prazer primário.

A Psicanálise da Toxicomania

² Na experiência e na teoria psicanalíticas, “sexualidade” não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.) e o que se encontra a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual.

Destarte, já estamos falando da maneira utilizada por muitos indivíduos para reencontrar o prazer primário, na tentativa de (re)conquistar a independência de qualquer oposição do mundo externo, e realizar-se auto-eroticamente: a intoxicação. O narcisismo – especialmente o narcisismo primário – está desde o início articulada com os paradoxos do originário, ele é também, sem dúvida, um conceito-chave para compreender a toxicomania. O modo de funcionamento mental primário – ou segundo o princípio do prazer, opondo-se ao princípio de realidade – é, pois uma noção de grande operacionalidade na clínica da toxicomania.

As aquisições da introdução do princípio da realidade são justamente as funções psíquicas que são deficientes no tóxico-mano. É a incapacidade para a frustração que impede o desenvolvimento da função pensante (secundário).

Na obra freudiana, o tema da intoxicação aparece principalmente em 1930, em *O Mal-estar na Civilização*. Freud inclui o uso de drogas entre uma das estratégias – a mais eficaz – que a humanidade põe em ato inconformada com o caráter passageiro e transitório deste produto não previsto pela cultura: a felicidade.

Tal como nos foi imposta, a vida resulta demasiado pesada, nos fazendo deparar-nos com sofrimentos, decepções, empreendimentos impossíveis. Para poder suportá-la, não podemos prescindir de paliativos. Existem três tipos: os entretenimentos intensos, que fazem a nossa miséria parecer menor; as satisfações substitutivas, que a reduzem; e os narcóticos, que nos tornam insensíveis a ela. Qualquer um desses remédios acaba sendo indispensável. (Freud, 1930/1996, p.83.)

O “barato” da droga talvez expresse um esforço de economia psíquica na busca do caminho mais curto para o prazer. O efeito das drogas sobre o psiquismo, em geral, consiste em provocar uma regressão da libido para etapas anteriores do desenvolvimento. Todos os fatores nocivos ao desenvolvimento sexual externam seu efeito

promovendo uma regressão, ela possibilita caminhos laterais de satisfação. “Os narcóticos visam a servir – direta ou indiretamente – de substitutos da falta de satisfação sexual.” (Freud, 1898/1996, p.262.)

Freud (1905/1996) explicou que, durante o desenvolvimento psicosexual, surgem pontos de fixação da libido, graças à sua adesividade, para os quais a pessoa regride quando se defronta com sérias frustrações. Ora, não pode haver fixação mais atraente do que o período da primeira infância, a do prazer primário. “Há, portanto algo mais natural do que persistirmos na busca da felicidade do modo como a encontramos pela primeira vez?” (Freud, 1930/1996, p.89)

A partir do modelo do sonho proposto por Freud, entendemos que: o que possibilita a regressão na formação do sonho é justamente um “afastamento da realidade”, esse afastamento pode ser entendido também em relação à toxicomania. Um suposto estado narcísico primitivo – ao qual buscamos insistentemente retornar, talvez por efeito de uma força constante, quando adormecemos – é também um estado de afastamento da realidade. Segundo Freud: “Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendemos solucionar a tarefa por nós mesmos”. (Freud, 1930/1996, p.85) “Os métodos mais interessantes de evitar sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo” (ibid., p.85). “O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação.” (ibid., p.86).

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo

próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. (Freud, 1930/1996, p.86)

O que está em jogo não é apenas a experiência de prazer que a substância química provoca no organismo, mas uma experiência de prazer correlata à interferência provocada pela droga na posição do sujeito em relação ao objeto/realidade, um tipo de prazer que poderíamos qualificar de narcísico. A droga é um objeto narcísico. Segundo Gurfinkel (1996, p.151) “o objeto-droga é um falso objeto, um objeto que não tem a característica de independência e exterioridade em relação ao sujeito. Ora está dentro, ora está fora.” O auto-erotismo é o principal referencial para compreendermos o drogarse enquanto ato. O auto-erotismo subjacente ao modo de funcionamento mental do toxicômano é configurado enquanto ideal narcísico de independência.

Criação de realidades

A especificidade da toxicomania não pode ser desconsiderada: as propriedades químicas e os efeitos que a droga produz no sistema nervoso central do indivíduo têm uma importância por potencializar os mecanismos psíquicos envolvidos na dependência. É isso o que nos possibilita diferenciar a dependência química de outras, tais como a do jogo e da compulsão alimentar. Os efeitos da droga também podem significar um tipo específico de busca daquele que a consome, já que pode corresponder a uma modalidade de funcionamento mental.

Pode-se claramente identificar diferentes modalidades de relação com a realidade de acordo com a droga utilizada. Dupetit (1983 apud Gurfinkel, 1996, p.82) propõe três modalidades principais, cuja importância clínica é considerável. As drogas depressoras do sistema nervoso central (ansiolíticos, hipnóticos e analgésicos nar-

cóticos) promovem uma negação da realidade; os estimulantes (anfetaminas, cocaínas e antidepressivos) provocam uma forma de desafio da realidade; e as drogas perturbadoras do sistema nervoso central (maconha, alucinógenos e solventes voláteis) ajudam predominantemente a distorcer a realidade. Ainda que na prática as formas de toxicomania sejam compostas e variadas, Gurfinkel (1996) alerta-nos para o fato de que em diversos casos há uma predileção por um tipo de droga que revela a tendência para uma forma de organização defensiva:

A criação da 'neo-realidade' que comentamos há pouco é uma marca do grupo que tende a distorcer a realidade, e aqui predomina a interferência na função perceptiva (...) no caso das drogas depressoras o modelo mais adequado é o do sono: trata-se de uma estratégia de adormecimento ou anestesia da estimulação – interna ou externa – que atinge o psiquismo, uma tentativa de evitar a dor. É este tipo de droga, inclusive, que se utiliza na medicina como anestésico. Os estimulantes, por sua vez, promovem a negação pela modalidade maníaca, ou seja, provocam uma vivência de onipotência ilimitada, de ser um eu-Deus que triunfa sobre a realidade; naturalmente, o corolário desta defesa é uma depressão intolerável. Estas diferentes modalidades de relação com a realidade nos mostram como o 'afastamento da realidade' é um processo mais complexo do que pode aparecer. (Gurfinkel, 1996, p.82)

A toxicomania é um compromisso entre o desejo de não mais pensar a realidade e sua recusa, ou a impossibilidade de recorrer à reconstrução delirante desta realidade, ou ainda, a toxicomania é um compromisso entre o desejo de preservar e o desejo de reduzir ao silêncio a atividade de pensamento do eu. Trata-se de uma tentativa de efetuar uma metamorfose, uma mutação da realidade através da qual ela é, ao mesmo tempo, rechaçada e recriada, destruída e preservada. No entanto, diferentemente do psicótico, o toxicômano mantém, em geral, um vínculo aparente com a realidade. “Ver de outra maneira” não significa um repúdio radical da realidade (como na psicose). Po-

demos supor que há um prazer especial em reinventar a realidade, refazê-la, sem cair na loucura.

A partir dessa elaboração propomos, para investigações futuras, a análise da constituição do eu para explicar a escolha de cada tipo de uso da droga, e os mecanismos de defesa provenientes do ego que se relacionam às modalidades já mencionadas. Afinal, será essa constituição que irá delinear a predileção futura dos objetos desejados?

Freud nos oferece uma pista para esclarecer essa questão. Nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ele resalta a significação erógena da zona labial. Se esta for continuamente reforçada e persistir a significação, “tais crianças, uma vez adultas, serão ávidas apreciadoras do beijo, tenderão a beijos perversos ou, se forem homens, terão um poderoso motivo para beber e fumar.” (Freud, 1905/1996, p. 172)

Conclusão

“O elemento mais importante que vem perturbar o narcisismo primário não é outra coisa senão o complexo de castração. É através dele que se opera o reconhecimento de uma incompletude que desperta o desejo de recuperar a perfeição narcísica.” (Nasio, 1997, p.51)

O complexo de castração é uma das faces do complexo das relações interpessoais onde se origina, se estrutura e se especifica o desejo sexual do ser humano. É que o papel atribuído ao complexo de castração pela psicanálise só se compreende relacionado com a tese fundamental – constante e progressivamente afirmada por Freud – do caráter nuclear e estruturante do Édipo. (...) O complexo de castração deve ser referido à ordem cultural em que o direito a um determinado uso é sempre correlativo de uma interdição. (Laplanche e Pontalis, 2004, p.76)

Segundo Freud (1927/1996) “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui

um objeto de interesse humano universal”. A insatisfação para com a civilização se dá pela renúncia à coerção e a repressão dos instintos.

É interessante observar que é na ausência, na falta da droga que as alucinações tóxicas (abstinência) acontecem. A perda insuportável imposta pela realidade seria precisamente a perda da droga. Isso revela um paradoxo próprio da toxicomania: o produto-droga é, no limite, sem efeito, pois quando ele está presente a dependência não se manifesta. O uso de substâncias tóxicas é um dos métodos – o mais eficaz – de lidar com o mal-estar. Essas substâncias influenciam nosso corpo e alteram sua química. “O desprazer é sempre a expressão de um grau mais elevado de tensão”. (Freud, 1914/1996, p.91) “Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado.” (Freud, 1930/1996, p.85) A toxicomania pode ser entendida como uma modalidade de funcionamento mental.

Todos os indivíduos têm de haver com esse mal-estar constituinte e os limites que lhe são impostos pela realidade advindos do mundo externo. Temos que “admitir com dor que os limites do corpo são mais estreitos do que os limites do desejo” (Nasio, 1997, p.13) A escolha para alguns é a utilização de drogas, a via que pode levar à dependência química, na tentativa de tamponar o que é inerente à própria constitui-

ção do aparelho psíquico: a renúncia instintual. A busca do prazer levada ao seu limite extremo pode ser compreendida como a escolha de um caminho sempre mais curto pelos atalhos que evitam a realidade e o desprazer; mas este caminho mais curto conduz também a uma tendência de dismantelamento da própria vida psíquica e pulsional! A liberdade inicialmente desfrutada pelo usuário na relação de prazer com a droga, progressivamente torna-se o seu oposto: uma prisão. O que configura-se um paradoxo, pois o que é buscado na droga é o que é aniquilado na relação de dependência com a mesma. Dependência que se instala no indivíduo vulnerável que se depara com uma falsa sensação de ter encontrado um substituto para o prazer primário.

“Que o efeito das consolações religiosas pode ser assemelhado ao de um narcótico é fato bem ilustrado.” (Freud, 1927/1996, p. 56) Alguns escolheram as consolações que o discurso religioso pode oferecer, ao acreditar que é possível resgatar a vivência no paraíso de Éden, a fim de poderem suportar as vicissitudes da vida. Outros, o amor, o delírio, como respostas ao mal-estar.

Contudo, Freud nos adverte que, apesar da eficiência da utilização dos narcóticos para suportar nossos instintos sexuais não satisfeitos, a toxicomania constitui-se como um “(...) desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano.” (Freud, 1930/1996, p. 86).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freud, S. (1996a). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. III, 1ª ed. (pp. 249-270). (J. Salomão, diretor da Tradução). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1898)

_____. (1996b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. VII, 1ª ed. (pp. 119-229). (J. Salomão, diretor da Tradução). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1905).

_____. (1996c). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XII, 1ª ed. (pp. 233-244). (J. Salomão, diretor da Tradução). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1911).

_____. (1996d). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIV, 1ª ed. (pp. 77-108). (J. Salomão, diretor da Tradução). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1914).

_____. (1996e). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III). In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVI, 1ª ed. (pp. 343-360). (J. Salomão, diretor da Tradução). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1915-1916).

_____. (1996f). Além do Princípio de Prazer. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVIII, 1ª ed. (pp. 13-75). (J. Salomão, diretor da Tradução). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1920).

_____. (1996g) O futuro de uma ilusão. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI, 1ª ed. (pp. 13-63). (J. Salomão, diretor da Tradução). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1927).

_____. (1996h) O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI, 1ª ed. (pp. 67-148). (J. Salomão, diretor da Tradução). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1930).

Gurfinkel, D. (1996) *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis: Ed. Vozes.

Laplanche, J. e Pontalis, J. B. (2004) *Vocabulário da psicanálise*. (Pedro Tamen, Trad.). São Paulo: M. Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)

Nadvorny, B. (2006) *Freud e as dependências: drogas, jogo, obesidade*. Porto Alegre: AGE Editora.

Nasio, J-D. (1997) *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1988).

Recebido em: 24/03/2008

Revisado em: 25/06/2008

Aceito em: 30/06/2008

Sobre a autora:

Maria Angélica Tomás aluna do curso de graduação em psicologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. **E-mail:** maria-angelica@psi.grad.ufmg.br